

Luto e melancolia nas demências: a psicanálise na clínica do envelhecimento

Katia Cherix*
Nelson Ernesto Coelho Junior**

Resumo

A questão das perdas reais e simbólicas impõe-se como pilar fundamental para a compreensão da clínica do envelhecimento e das psicopatologias que surgem com o avanço da idade. Os idosos vivem em constante processo de luto diante de faltas que precisam ser aceitas e subjetivadas. Quando não encontram amparo externo e interno ou uma história de lutos não elaborados que se somam aos do presente, o Eu pode regredir e usar da defesa da cisão, como no caso da melancolia. No presente artigo proponemos, à luz da metapsicologia freudiana, um novo olhar para os quadros de perda de memória que podem levar ao surgimento das demências. **Palavras-chave:** ENVELHECIMENTO; LUTO; PSICANÁLISE; DEMÊNCIAS.

Mourning and melancholia in dementias: psychoanalysis in the clinic of aging

Abstract

The issue of real and symbolic losses is a fundamental pillar for the understanding of the *clinic of aging and the psychopathologies that arise with the advancement of age*. The elderly live in constant mourning in the face of absences that need to be accepted and subjectivated. When they do not find external and internal protection or a history of unprocessed mourning that adds to the present, the Self can regress and use the defense of the split, as in the case of melancholy. In this article we propose in the light of Freudian metapsychology a new look at the phenomenon of memory loss that can lead to the onset of dementias.

Keywords: AGING; MOURNING; PSYCHOANALYSIS; DEMENTIAS.

Luto y melancolía en las demencias: el psicoanálisis en la clínica del envejecimiento

Resumen

La cuestión de las pérdidas reales y simbólicas se impone como pilar fundamental para la comprensión de la clínica del envejecimiento y de las psicopatologías que surgen con el avance de la edad. Los ancianos viven en constante proceso de duelo ante faltas que necesitan ser aceptadas y subjetivadas. Cuando no encuentran amparo externo e interno o una historia de lutos no elaborados que se suman a lo del presente, el Yo puede retroceder y usar de la defensa de la escisión, como en el caso de la melancolía. En el presente artículo proponemos, a la luz de la metapsicología freudiana una nueva mirada a los cuadros de pérdida de memoria que pueden llevar al surgimiento de las demencias.

Palabras clave: ENVEJECIMIENTO; LUTO; PSICOANÁLISIS; DEMENCIAS.

*Doutora em Psicologia pela USP. Psicóloga clínica e Acompanhante Terapêutica, Coordenadora da equipe Porvir: Cuidado ampliado no envelhecimento (ONG Ger-Ações)
Endereço: Alameda dos Tupiniquins, 426, Rio de Janeiro – RJ. CEP: 04077 001
Telefone: (11) 5052 2377
E-mail: katiacherix@hotmail.com

**Professor doutor do Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Psicanalista.
Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721, Cidade Universitária, São Paulo – SP. CEP: 05508-030
Telefone: (11) 30914444
E-mail: ncoelho@usp.com

O tempo guarda cápsulas indestrutíveis porque, por mais dias que sucedam, sempre chegamos a um ponto que voltamos atrás, a um início qualquer, para fazer pela primeira vez alguma coisa que nos vai dilacerar impiedosamente porque nessa cápsula se injeta também a nitidez do quanto amávamos quem perdemos, a nitidez de seu rosto, que por vezes se perde mas ressurgue sempre nessas alturas, até o timbre da sua voz, chamando o nosso nome ou, mais cruel ainda, dizendo que nos ama com um riso incrível pelo qual nos havíamos justificado em mil ocasiões no mundo.

(Valter Hugo Mãe)

Dentro de um escopo mais amplo, do estudo do envelhecimento e das demências à luz da metapsicologia freudiana, chegamos a interessantes reflexões sobre o lugar central ocupado pelo luto no envelhecimento, assim como sobre uma possível articulação entre a capacidade de investimento libidinal no processo de elaboração e a hipótese de uma ligação entre a falha neste processo e o surgimento dos sintomas de perda de memória.

A questão das perdas impõe-se como central na clínica do envelhecimento e aparece em registros diferentes que se acumulam: aposentadoria, fragilização do corpo, morte de familiares, entre outras, buscam tradução no plano psíquico. O Eu investe os objetos que ama e, diante de uma perda, necessita fazer o luto. O trabalho de luto, como concebido por Freud, em *Luto e Melancolia* (1917/2006), implica que a libido investida possa desligar-se do objeto e das representações inconscientes atreladas a ele, antes de ser capaz de procurar um novo objeto. Em face da ruptura de um vínculo, cria-se no Eu um vazio, uma falta vivida dolorosamente pelo sujeito. O Eu é constituído de imagens de objetos investidos e cada perda o ameaça diretamente de “esfoliamento imaginário”, ou seja, com o aumento de perdas e desligamento das representações inconscientes atreladas aos objetos perdidos, o Eu se vê empobrecido (Messy, 1992).

Ao aceitar o desaparecimento de objetos investidos de libido e que, de certa forma, alimentavam narcisicamente o sujeito e lhe concediam um lugar no mundo, o idoso se vê diante de um trabalho psíquico doloroso que o impele a investir novas relações e um novo lugar no mundo. Para esse reposicionamento subjetivo, no sentido de abandonar traços identificatórios associados a objetos perdidos e procurar novos, o amparo do outro e do social são de suma importância. Um fundo depressivo faz parte do envelhecimento, pois o idoso se encontra mergulhado em um intenso trabalho de luto. Deste ponto de vista, o aparente desinvestimento



do mundo pode ser entendido como um recolhimento criativo, e a lentidão do idoso pode ser compreendida como uma introspecção na qual o sujeito procura modos de se desligar de objetos perdidos para investir novas possibilidades. Porém, por não ser a velhice atualmente valorizada, os caminhos abertos pela cultura para atualização da história subjetiva tornam-se mais restritos.

Por esse ponto de vista, as identificações primitivas, tanto positivas como negativas, que organizaram a vida psíquica podem ser determinantes para tal reposicionamento. Se, nesse

caminho regressivo, o sujeito encontrar vivências traumáticas ou lutos não resolvidos, terá que somar a elaboração destes ao trabalho de elaboração pelos lutos atuais. Nessa perspectiva, a elaboração dos lutos no envelhecimento é diretamente influenciada pelas histórias anteriores que, se deixaram sequelas congeladas de situações traumáticas, podem fazer eclodir quadros patológicos graves em indivíduos que, ao longo da vida, conseguiram manter-se relativamente funcionais, mas, no fim, podem ficar aprisionados na dor de sua própria história narcísica (Rozitchner, 2012).

Luto e melancolia

Dentro do referencial da psicanálise, o luto apresenta-se como uma atividade psíquica complexa ligada ao desenvolvimento do narcisismo, do Eu e das primeiras experiências de separação. O texto de Freud, *Luto e melancolia* (1917/2006), inaugura uma nova maneira de estudar o luto, saindo do referencial social de compreensão do fenômeno e entrando num referencial psicanalítico. Nesse texto, Freud apresenta um processo psicodinâmico que propõe a articulação entre a relação com objetos externos e com um intrincado mundo interno criado pela relação com os primeiros objetos de amor.

Os lutos têm função constitutiva do aparelho psíquico e da organização da personalidade. O nascimento, a separação da mãe, o desmame, a passagem pelo Complexo de Édipo são momentos-chave do desenvolvimento infantil, nos quais o sujeito se depara com a ruptura, a falta e a necessidade de redirecionar a libido para novos objetos. A perda do primeiro objeto põe em funcionamento um mecanismo que procura continuamente novos objetos para satisfazer o desejo. De acordo com Freud (1913/1999), a entrada do homem na cultura também é marcada por um luto. Por meio do mito do assassinato do pai primitivo, aponta a importância de o homem encontrar a morte e dar sentido a esse acontecimento. Tanto no Édipo como no mito da horda primitiva, diante de uma perda ou separação, segue-se um processo de identificação e ganho de algo novo, respectivamente, o Supra Eu e a Lei. A tristeza e a dor em face da perda abrem espaço para a construção do próprio aparelho psíquico, através das funções do fantasiar e da memória. Num primeiro momento, frente à perda, o psiquismo busca satisfação pela alucinação; o trabalho de luto permite que o sujeito saia desse registro e procure novos caminhos de satisfação, nas relações com objetos externos (Rozitchner, 2012).

Desta forma, o texto *Luto e melancolia* tem muito o que nos ensinar sobre o universo do envelhecimento e sobre a compreensão das psicopatologias que surgem neste momento da vida. Neste texto, Freud faz uma distinção entre um processo de luto, que seria saudável, e uma predisposição melancólica, a qual seria patológica. O luto é descrito como um estado passageiro, que, apesar de modificar a vida interna e externa do sujeito, aparece como uma anormalidade transitória, pois, após o processo, o Eu volta a seu funcionamento anterior. Já na melancolia, a maneira como o sujeito passou pela fase constitutiva do narcisismo influencia o modo como se relacionará com os objetos e, assim, a maneira como reagirá frente à perda; esta seria a explicação para a forte dor que o melancólico sente.

Em última instância, o que diferencia o luto da melancolia é a depreciação do sentimento de si presente exclusivamente na melancolia. Ogden (2002) comenta que é apenas dentro de um intrincado mundo conceitual criado por Freud que essa distinção faz sentido, pois, num segundo momento do texto, seguindo pistas e evidências que vão sendo apresentadas, Freud chega à conclusão de que algo inconsciente, desconhecido do sujeito, foi perdido junto com o objeto do qual procura fazer o luto. E essa parte de si, que se vai junto com o objeto e da qual não temos consciência, torna o processo um tanto quanto misterioso, mais difícil ou até impossível.

No luto, é o mundo que se torna pobre, enquanto, na melancolia, é o próprio Eu que se empobrece. Freud explica que isso acontece porque uma parte do Eu está identificada com o

objeto perdido e, assim, a sombra do objeto perdido recai sobre o Eu. Uma perda objetual torna-se uma perda egoica. Para Ogden (2002), esse momento do desenvolvimento conceitual de Freud é essencial, já que permite a criação de um mundo interno com um funcionamento complexo, no qual o Eu se encontra dividido e no qual se pode refugiar, afastando-se da dor da realidade externa. Nesse sentido, a melancolia mostra-se como uma defesa paradoxal, pois o recolhimento no mundo interno protege da dor, porém impede o relacionamento com os outros e uma continuação da vida no mundo. O funcionamento, melancólico seria uma forma de regressão defensiva, que possibilitaria retornar a uma maneira bidimensional de relação com o objeto, na qual não existe a ameaça do tempo e da morte, uma relação narcísica com o objeto, como desenvolvida em *À guisa de introdução ao narcisismo* (1914/2004).

Essa reflexão de Ogden (2002) faz-nos pensar num sintoma muito comum no envelhecimento, a saber, a perda de memória. Do ponto de vista neurológico, dito sintoma pode estar ligado a diferentes doenças neurodegenerativas que se iniciam na velhice, como a doença de Alzheimer por exemplo. De um ponto de vista metapsicológico, a perda de memória pode ser entendida como um mecanismo de defesa que, como a melancolia, impediria uma plena separação do objeto imposta pelo processo de luto. Num movimento regressivo, o sujeito afasta-se das dolorosas informações impostas pelo contato com a realidade e se refugia num mundo próprio, onde a dor encontra outros sentidos.

Freud afirma que é necessário reconhecer a perda do objeto, para fazer o trabalho de luto. A prova de realidade constatou que o objeto já não existe e que se deve retirar toda a libido das relações com esse objeto. Esse processo acontece de forma lenta e gradual, seguindo diferentes etapas que parecem acontecer mais simultaneamente do que seguidamente, como a aceitação da perda na realidade, o investimento das lembranças do objeto tornando-o presente na fantasia, um desinvestimento do objeto na fantasia e, finalmente, o investimento da libido liberada em um novo objeto de amor.

Para Ogden (2002), em 1917, Freud propõe uma nova visão do aparelho psíquico que décadas mais tarde servirá de base para o desenvolvimento da teoria das relações objetais, já que não está apenas construindo novos conceitos, mas, sobretudo, apresentando uma nova forma de se entender a gênese da subjetividade humana. A importância da relação com os objetos externos e internos se destaca para a formação do Eu, por meio da ideia de que o inconsciente se organiza em torno de relações objetais internas relativamente estáveis. Uma ideia igualmente notável é a de que, para se proteger da dor da perda, o aparelho psíquico pode substituir a relação objetual externa por uma relação interna, na fantasia. Ao opor o quadro da melancolia ao do luto, Freud mostra um tipo de psicopatologia na qual o pensamento onipotente pode tornar-se mais forte que a realidade externa, o que pode ser uma pista interessante para a compreensão das demências. Dessa forma, a realidade psíquica desliga-se da realidade compartilhada, permitindo a compreensão de complexos quadros de maneiras singulares de se viver a realidade. A aceitação de percepções vindas da realidade mostra-se como uma função muito menos automática como se poderia imaginar e mais gradual e subjetiva.

Quando se tem condições psíquicas e suporte do meio para aceitar essa mudança da realidade, o deslocamento da libido começa a ocorrer pouco a pouco, com grande dispêndio de energia e tempo; paralelamente, a existência psíquica do objeto é prolongada, pois continuamos à investir sua lembrança. Esse desligamento é extremamente doloroso e o Eu fica totalmente dedicado a tal processo de recuperar a libido investida no objeto externo e em sua representação interna. Freud descreve um trabalho minucioso, no qual lembranças e expectativas que ligavam o Eu ao objeto são superinvestidas, até que se possa fazer o desligamento. O autor descreve um esvaziamento do mundo exterior e o encaminhamento das energias psíquicas para o Eu, que está fazendo o trabalho psíquico de luto, o qual consiste, em última instância, em um desligamento libidinal das representações inconscientes do objeto perdido.

O conceito de trabalho, nesse contexto, tem o sentido de esforço penoso para vencer um obstáculo, ou seja, investimento de energia em uma tarefa psíquica árdua, assim como o de transformação de uma situação, quer dizer, de passagem pelo estado disfuncional. Fica claro que o indivíduo pode parecer paralisado ou inativo fisicamente; mentalmente, porém, encontra-se em grande atividade. Assim, o trabalho de luto aproxima-se do trabalho de elaboração psíquica, que seria o esforço do aparelho psíquico para ligar impressões traumatizantes. Complexas operações intrapsíquicas estão em jogo, afetos desligam-se de representações e procuram novas representações, ou seja, a pulsão fica solta em busca de objetos para investir. Para encontrar alívio provisório para essa tensão que emana do corpo, busca maneiras de ser descarregada. O aparelho psíquico encontra-se em constante trabalho para transformar essa energia da pulsão em uma energia mais diluída, canalizada, dominada, derivada, ligada a representações e por meio da simbolização permitir que a energia cause menos tensão e desprazer (Berlink, L. 2008).

Dessa forma, é possível pensar que, quando um objeto desaparece, fica um “buraco” na dinâmica de investimentos previamente organizada e a energia precisa encontrar novos caminhos para escoar. Esse processo é lento e penoso, porque o Eu não abandona de bom grado uma posição libidinal em que encontrava satisfação, demorando em aceitar que se terá de deslocar do lugar que ocupava, contra sua vontade. Por isso, surge a noção de trabalho, de esforço, de conflito entre forças, pois uma parte do Eu não quer aceitar a perda, não quer cessar de investir no objeto em que antes investia. Outra parte reconhece, entretanto, a falta do objeto perdido e inicia uma ação, um processo na busca de uma nova constelação psicodinâmica que propicie diminuição do desprazer, do sofrimento. Num primeiro momento, o Eu mantém o objeto “vivo”, investindo energia em sua representação, de certa forma, “tapando o buraco”, até que essa energia possa lentamente ser investida em outras representações num processo paralelo. Podemos facilmente identificar esse momento no qual, muitas vezes por dia, a imagem do objeto perdido, lembranças, cenas invadem a consciência causando um misto de prazer pela presença e desprazer pela “re-descoberta” de sua perda. Muitas pessoas relatam que, ao acordarem, acreditam que a pessoa que perderam está viva e no momento em que seus pensamentos se organizam, sentem muita dor, pois “percebem” que a pessoa morreu. Essa presença do objeto por meio do investimento em sua representação funciona como uma defesa frente à dor, possibilitando uma aceitação gradual da perda, para que a experiência seja menos traumática, no sentido de não sobrecarregar o aparelho psíquico com um afeto demasiadamente intenso. Por termos a capacidade de simbolização, podemos manter presente na realidade psíquica algo que se faz ausente na realidade física e, assim, lidar com a falta na realidade em diferentes etapas, alternando entre ter a consciência dessa ausência e não tê-la. Foi essa experiência de presença e ausência do objeto materno que permitiu ao bebê a criação de um ritmo, de representações e da noção de tempo. Por isso, nossa capacidade de entender o tempo, de experimentar um tempo psíquico deslocado do tempo compartilhado está ligada à capacidade de fazer o trabalho de luto.

Desta forma, o idoso enlutado procura um novo objeto para investir a libido, uma vez recolhida no Eu. O contexto social ligado à velhice nas sociedades contemporâneas dificulta o processo do trabalho de luto, oferecendo menos espaços de circulação social para promover novos investimentos libidinais, assim como poucos modelos de “envelhecimento positivo”, para que o velho possa desligar a energia de identificações narcísicas ligadas ao passado e passar a investir numa imagem de si valorizada e conectada ao presente e ao futuro.

Como enfrentar então esse processo de lutos múltiplos que se impõe na velhice? Allouch (1997) indaga sobre o conceito de objeto substituto usado por Freud, questionando se um novo objeto pode realmente substituir plenamente um objeto perdido e se a quantidade ou qualidade da energia investida num objeto perdido poderia integralmente ser realocada em um novo objeto.

Pensando nessa lógica, o idoso se encontraria numa situação constante de pesar e doença, porque não poderia superar todas as perdas de maneira integral. Nesse sentido, poderíamos pensar em um processo mais complexo de luto que não consistiria apenas em reconhecer a realidade da perda, da falta, de sorte a poder reinvestir a energia em um novo objeto, mas pensar em um processo de “subjetivação” deste “não mais existir”, pensar que estamos diante de um “desaparecimento” (Allouch, 1997, p. 71). Ao meu ver, essa “subjetivação” do que se perde seria mais importante do que a simples aceitação da realidade da perda, já que demandaria do Eu uma capacidade de se reavaliar diante das mudanças engendradas pelas perdas. De certa forma, o sujeito velho, a despeito de investir energia em novos objetos e de projetar-se no futuro, seria igualmente portador de todos esses desaparecimentos, sem que isso tenha um caráter negativo ou patológico, muito pelo contrário: a imagem de si poderia, de certa forma, enriquecer-se dessas experiências vividas, cessadas, contudo não esquecidas.

Esquecer para continuar a ser

ACEITAR a separação dos objetos perdidos, sem deixar, porém, de investir numa imagem narcisicamente valorizada ligada ao passado, parece ser importante para que o idoso mantenha uma narrativa entre quem foi e quem é. Para Clewell (2004), o trabalho de luto, segundo Freud, consiste claramente em transformar lembranças amorosas em memória distante, ou seja, em desligar-se não só do objeto, mas, igualmente, de suas lembranças dolorosas. Assim, o processo termina de forma “espontânea”, quando nenhuma energia está mais atrelada ao antigo objeto, pois já se encontra investida num novo. Neste momento, é importante lembrar o caráter narcísico da libido, quer da investida no Eu quanto da investida nos objetos, já que a libido investida nos objetos seria uma mera transferência da libido que em primeira instância, investiu o Eu. Dessa forma, nossa maneira de amar os outros seria sempre narcísica, pois amamos o que nos outros lembra o que amamos ou gostaríamos de amar em nós, mais do que sua diferença ou singularidade. A importância do narcisismo para a circulação da libido aparece também no final do texto sobre o luto, quando Freud afirma que o indivíduo precisa encontrar uma satisfação narcísica em estar vivo, para conseguir concretizar o trabalho de luto. O processo de luto é apresentado, pois, como uma crise econômica e o aparelho psíquico encontra novamente seu equilíbrio ao final do processo.

O processo de luto é um risco para a integridade narcísica do sujeito, visto que, na relação com o objeto perdido, investia libidinalmente ou amava no outro partes de si:

Ressuscitando o outro na lembrança, o enlutado tenta recuperar uma parte de si que foi projetada no outro, uma parte de si necessária para a construção da autoimagem do sujeito como um ser completo e autônomo. Perder um ente querido ameaça assim destruir a integridade psíquica imaginária, imaginária pois a imagem de si depende da relação com um objeto externo ao indivíduo (Clewell, 2004, p. 47).

Essa citação faz-nos lembrar o esfoliamento imaginário de Messy (1999) e joga-nos no coração do paradoxo da metapsicologia freudiana, já que a perda do outro ameaça a imagem que temos de nós mesmos, nossa autonomia e nossa identidade. Assim, podemos vislumbrar o tamanho da ameaça narcísica que se impõe ao aparelho psíquico no envelhecimento, porque o movimento econômico de desligamento da energia de objetos perdidos, investimento em lembranças e desligamento das lembranças para que a energia possa novamente ser investida no Eu e em novos objetos, torna-se muito veloz. Essa costura teórica permite-nos melhor compreensão de quadros de idosos que, diante de pequenas perdas ou morte de familiares nem

tão próximos, podem desorganizar-se psiquicamente, por vezes, durante um curto período de tempo e, por outras, de forma definitiva.

Limites da possibilidade de subjetivação das perdas

Em *O Eu e o Id* (1923/2006), Freud revê sua teoria a respeito do luto, para chegar à conclusão de que o processo de identificação presente na melancolia não seria um processo patológico, mas um movimento necessário para a constituição do Eu. O primeiro momento que permitiria a constituição de um Eu seria a separação do objeto primário, o primeiro objeto de amor e, em consequência, sua introjeção, ou seja, sua presença psíquica em meio à ausência física. Essa primeira separação e primeira introjeção servirão de matriz para todas as seguintes, inclusive para as que acontecem no envelhecimento.

Assim, diferentemente do texto de 1917, em 1923, o processo de luto é concebido como um processo contínuo de transformação do Eu que não tem um fim. Seguindo esse tipo de compreensão psicanalítica dos sintomas apresentada aqui por meio do comentário de *Luto e melancolia*, podemos esboçar a hipótese de que alguns sintomas patológicos que surgem no envelhecimento podem ser entendidos como um reflexo de nova organização psíquica, constelada para proteger o sujeito da dor: a dor do envelhecimento, da perda, da finitude, de informações demasiadamente doloridas que não encontram possibilidade de elaboração em um processo de luto. A psique, sobrecarregada por esses afetos, usaria a defesa da cisão como apontado no caso da melancolia, e o sujeito passaria a viver mais tempo num mundo interno, da fantasia.

Numa possível articulação dos conceitos freudianos com a clínica das demências, seria possível supor que, até o momento, um processo de luto foi possível, mas se atingiu um limite do quanto o aparelho psíquico pode dar conta do desligamento da libido dos objetos, encontrando-se assim repleto de energia desligada, voltada para o Eu no reservatório, sem conseguir ainda investir em novos objetos.

Aqui podemos vislumbrar uma relação entre o termo médico de depressão que, na abordagem psicanalítica, tanto se pode referir ao processo de luto saudável quanto ao um processo patológico, e os sintomas ligados ao surgimento das demências, principalmente a perda de memória.

Em pesquisa quantitativa, Almeida (1999) ressalta que dois dos sintomas característicos de depressão – tristeza e perda de interesse pelas coisas – foram citados por 69,3% dos pacientes diagnosticados com demência, resultado que se aproxima do encontrado por Burns et al. (1990), que descreveram que 63% dos pacientes com doença de Alzheimer relataram a presença de sintomas depressivos. A relação entre depressão e demência ainda é polêmica no meio médico. Muitos pacientes que apresentam perda de memória como um primeiro sintoma acabam evidenciando depressão como um segundo. Se essa depressão for tratada, um terço dos pacientes exibe remissão dos sintomas, um terço mantém-se estável com o sintoma de comprometimento de memória, e um terço mostra piora dos sintomas, sendo diagnosticado com Alzheimer (Godinho, 2012). Assim, recentemente, cunhou-se o termo Comprometimento Cognitivo Leve (CCL), pois se percebeu que muitos pacientes estavam sendo erroneamente diagnosticados com Alzheimer por conta do primeiro sintoma de perda de memória.

É possível pensar que, nesse momento de depressão, isto é, de diminuição de investimento libidinal em relações de objeto, o aparelho psíquico esteja tentando ligar os afetos recentemente desligados a novas representações em busca de um sentido para o que foi perdido e uma possibilidade de reposicionamento subjetivo. Quando esse processo pode ocorrer, não há danos para o Eu, o qual pode voltar a funcionar depois de um período de confusão. Quando esse processo não pode continuar e chegar à resolução do luto, ou seja, ao investir a libido em novos objetos e completar o processo de religação da energia solta, o psiquismo optaria pelo

caminho da regressão numa tentativa de encontrar um funcionamento psíquico compatível com o excesso de energia e, dessa forma, apresentaria uma mudança no funcionamento do Eu, acarretando danos definitivos para todas as funções do Eu.

Os médicos Mulyala e Varghese (2010) publicaram interessante artigo discutindo a complexidade da relação entre depressão e demência. A primeira hipótese é de que a depressão é um risco para o surgimento da demência. História prévia de depressão, mesmo se ocorrida dez anos antes do surgimento da demência, dobra as chances de uma pessoa ter demência. Além da explicação neurológica para essa hipótese, existe a compreensão psicanalítica explicitada por Goldfarb (2004), de que lutos não elaborados,



somados aos novos lutos que surgem no momento do envelhecimento, tensionam o aparelho psíquico de tal forma, que o esquecimento e a regressão aparecem como um caminho para diminuir a dor de encarar a realidade. Segundo a autora, alguns pacientes entram em um estado demencial após terem sofrido uma perda que é da ordem do irreparável; outros, porém, apresentam os sintomas de demência sem que aparentemente algo significativo tenha acontecido. A consciência da finitude e o luto antecipado pelo fim do Eu, não obstante, podem ser, em si, motivos de tensão.

Assim, casos de pseudodemência, ou seja, quadros clínicos de depressão grave que trazem um prejuízo cognitivo severo, parecido com o apresentado na Doença de Alzheimer, podem ser revertidos se tratados, quer dizer, se o sujeito encontrar suporte para elaborar os lutos atuais e antigos. Para a autora, apesar da multicausalidade, a angústia de morte é fator importante na gênese das demências.

Uma segunda hipótese consiste em entender a depressão como uma fase da doença de Alzheimer. Esse modo de funcionamento psíquico ensimesmado, ligado à depressão, consistiria em um momento de transição, como uma crise, no qual o Eu ainda seria capaz de exercer suas funções (ligadas à percepção, à linguagem, etc.) e que, depois dessa passagem, começaria a funcionar de uma forma diferente, expressando mudanças no comportamento ligadas à fase moderada da doença, como se o Eu desistisse de lutar para continuar exercendo suas funções.

Uma terceira maneira de se relacionar a depressão com a demência seria como um sintoma da doença, como uma reação frente ao diagnóstico, o que seria uma forma saudável de reagir em face da notícia de uma doença neurodegenerativa. É fácil imaginar a angústia frente ao sintoma de perda de memória, o sentimento de vergonha e de humilhação. O sentimento é de perda de controle e desvalorização narcísica, por se sentir incapaz e diminuído; os pacientes expressam frequentemente, sentimentos de inferioridade e de perda de valor (Michon e Gargiulo, 2003).

Em 1923, Freud sustenta que diante de situações extremas, nas quais sente que fracassou na busca por seus ideais, o Eu se abandona, por não se sentir amado pelo Supra Eu. Desamparado pelos poderes protetores, deixa-se morrer. Em outras palavras, se o Eu sentir que não poderá alcançar o Ideal de Eu, pensa que não vale mais a pena investir no Eu, desiste dele. Assim, na demência, é possível pensar que, ao perder o amor do Supra Eu, o Eu antecipa um futuro de disfunção e dependência, perdendo o amor dos objetos de que necessita para sobreviver, pois, alguém de seu Ideal, não merece mais receber amor.

Nessa perspectiva, vemos que a experiência de luto e de depressão traz-nos importantes indícios para a compreensão da clínica do envelhecimento e das demências. Se olharmos mais de perto, o luto também é parte essencial do processo de envelhecimento. Goldfarb (2004) chama a atenção para a dificuldade de se fazer um diagnóstico diferencial entre um transtorno moderado da memória ligado ao envelhecimento ou depressão e o diagnóstico de um quadro demencial, até porque os pacientes apresentam boa saúde física. Aponta para a importância de prestar atenção nas perturbações da linguagem, presentes no caso de doenças mais graves.

Já Allouch (1997) afirma que nossa reação à morte de alguém pode surpreender-nos, porque a intensidade do impacto tem menos a ver com o quanto éramos próximos da pessoa e mais com o fato de ela ser portadora de partes de nós, isto é, importante para nosso sentido de identidade. O autor salienta que o desligamento operado pela morte de alguém torna-se como um fenômeno contagioso, já que pode ter efeitos diversos de desligamento em todos que estavam em contato com o morto e até, em casos extremos, de casais simbióticos, por exemplo, ou de relacionamentos de longa duração, no qual um sujeito depende inteiramente do outro para existir, engendrar a morte do enlutado.

Turatti (2012) assevera que a perda de um companheiro de longa data pode ser devastadora e até levar a uma depressão fatal. O companheiro é parte intrínseca da história do sujeito e um pilar da organização da vida, obrigando o viúvo a reconfigurar a vida de forma profunda:

Tempo de vida conjugal: 50 anos. "Vida muito boa. Nós dois éramos muito unidos. Sinto muita falta. Tive problemas cardíacos, e fiquei internado por duas vezes, coisa que nunca aconteceu na minha vida. Como é penoso pensar em prosseguir sem uma parte de mim" (Cravo) (Turatti, 2012, p. 37-38).

É possível imaginar que alguns lutos são, em si, mais complicados e que poderiam provocar uma reação “melancólica”, mesmo sem a pessoa ter uma estrutura melancólica ligada ao narcisismo e à relação com os primeiros objetos. Mantemos em mente o conceito de séries complementares de Freud, ao pensar que um evento tem um efeito traumático se somarmos a força do evento e a capacidade de o indivíduo suportar o sofrimento, ou seja, alguns indivíduos, por conta de fatores biológicos constitutivos e relacionais, de sua história com suas primeiras experiências, mostram-se mais resilientes que outros, em face das mesmas situações. Na situação de luto pela perda de um cônjuge de muitos anos, comum no envelhecimento, estamos diante da perda de um objeto erótico de grande importância para o sujeito por estar fortemente ligado a ele numa situação de dependência e simbiose, de sorte que a dinâmica pulsional do sujeito se encontra totalmente modificada com a ausência desse objeto, no qual o sujeito se apoiava e que estava associado com todas as instâncias de sua vida, com todas suas relações objetais. Nessa circunstância, podemos questionar-nos se a escolha do objeto foi feita sobre base narcísica ou se, pelo grande tempo de relação com esse objeto, ele se tornaria parte do sujeito e, sem ele, sua noção de Eu se encontraria modificada.

De acordo com Freud (1917/2006), no luto, sob pressão das satisfações narcísicas da vida, o sujeito abandona o objeto perdido para preservar a própria vida. E quando não há essa pressão? Quando se está velho e não se tem perspectiva de futuro? O que acontece quando se encontra mais prazer na relação com as lembranças do objeto perdido do que na relação com novos objetos?

Para tensionar o raciocínio de Freud, podemos debruçar-nos sobre a ideia de que parece existir uma fase intermediária, no processo de luto, na qual o sujeito investe na representação interna do objeto, mas também em algum objeto externo ligado ao morto. É comum, por exemplo, que pais deixem o quarto do filho que morreu intacto ou viúvas demorem anos para se desfazer das roupas do marido falecido. Da mesma forma que as lembranças são, num primeiro momento, superinvestidas para serem depois desinvestidas, esses objetos tornam-se

de extrema importância para a vida do enlutado até que possam ser desinvestidos: seriam como um suporte físico para essas lembranças, um depositário. No romance *Homens imprudentemente poéticos*, o personagem do oleiro, Saburo, vê sua esposa morrer de forma traumática, vítima de um animal que entrara e a mordera dentro de casa. Por um tempo, ele precisa manter sua vestimenta em um espantalho para ter algo de concreto, uma relíquia, que sinalize sua presença:

Uns dias mais tarde, ainda incapaz de se dirigir às flores, o oleiro pendurou o quimono da mulher no espantalho do seu quintal. Espantava ali a imitar-lhe a companhia. [...] A morte era muito pouco para terminar um sentimento tão grande. Algumas pessoas assustavam-se pela veste movida lentamente ao ar. Com o passar do tempo, ganhavam também ternura e lembravam a senhora Fuyu pela graça de sua cordialidade. A terra do oleiro parecia observada para sempre pela mulher. Era uma mulher abundante. Restava (Mãe, 2016, p. 35).

Para alguém que perde um parceiro com quem construiu trinta anos de vida, o processo de luto na forma como indicada por Freud em 1917 parece impossível. A energia e o tempo necessário para tal processo (sem nem contar a intensidade da dor) parecem constituir tarefa demasiadamente árdua para alguém de mais de sessenta anos, em meio a diversos processos de luto simultâneos. Assim, o Eu não se poderia ver livre e funcionar sem inibições, como almejado por Freud, até porque os processos de luto se sobreporiam. É no inconsciente que transcorrem as tentativas de desligamento do objeto. Nessa lógica, é possível pensar que o Eu se encontraria modificado e, por vezes, não seria capaz de voltar a funcionar como antigamente, perdendo cada vez mais pedaços de si com o desaparecimento dos outros até um ponto em que seu próprio funcionamento estaria comprometido.

Nesse sentido, articulando os conceitos de luto, melancolia e envelhecimento, seria correto imaginar que, na velhice, nos deparamos com perdas físicas, como perda de força e beleza jovial, assim como de memória, rapidez e potência sexual. Com a aposentadoria, também perdemos *status* social e convivência com os colegas de trabalho. Dessa forma, diante dessas profundas mudanças da realidade, o Eu é chamado a modificar-se. As perdas de objetos e condições reais implicam trabalho de desprendimento da libido de objetos e identificações internas e, assim, um reposicionamento subjetivo diante do que se foi e deixou de ser e o que se virá a ser.

Para Manoel Berlink (2008), a envelhescência seria um desencontro frutífero entre o inconsciente atemporal e o corpo, sede da temporalidade. Com as modificações trazidas pelo corpo, o sujeito é obrigado a mudar sua rotina, a repensar em seu trabalho e a adaptar-se às novas exigências. O Eu é chamado a reposicionar-se diante de seus ideais: elaborar o luto pelos sonhos que não podem mais ser realizados pela falta de tempo. O sujeito passa a reavaliar seus projetos e redescreve sua própria história: “[...] a envelhescência é uma recriação do Eu diante das exigências pulsionais e as novas exigências do corpo que se aproxima da morte” (Berlink, M. 2008, p. 197). De acordo com o autor, a envelhescência seria um ato de subjetivação que se oporia ao envelhecer, que se manifestaria no corpo, mas não seria acompanhado de um trabalho psíquico em paralelo, que abarcasse essas transformações, dando sentido a elas.

Na mesma linha de mostrar que um trabalho psíquico se faz necessário frente às mudanças, Messy (1992) diferencia “envelhecimento” de “velhice”. Por um lado, o envelhecimento seria um processo irreversível que se inscreve no tempo. Esse processo é dinâmico e constitui-se de perdas e aquisições; o sujeito lida com essas mudanças usando os recursos que desenvolveu ao longo da vida. Por outro lado, a velhice seria entendida como um momento de ruptura, um acontecimento que surpreende o sujeito de forma brutal. Esse acontecimento, identificado com uma perda tão profunda, deixa o sujeito paralisado e o impede de elaborar a fase de tristeza e se relançar a novas ligações objetais.

Tal conceito de velhice, cunhado por Messy (1992), revela-se muito próximo do conceito de melancolia de Freud que sugere que uma fragilidade narcísica poderia dificultar o complexo trabalho do luto. Na melancolia, o sujeito acaba identificado inconscientemente com o objeto perdido, de sorte que a perda do objeto acarreta uma perda no Eu. A sombra do objeto recai sobre o Eu e a libido liberada pela separação com o objeto, em vez de ser investida em um novo objeto, retorna ao Eu. O complexo melancólico pode colocar-se como uma ferida aberta absorvendo por todos os lados a energia dos investimentos para si, de modo a esvaziar o Eu até o seu total empobrecimento. Fica claro que o luto é um processo intrapsíquico complexo, o qual absorve a energia do sujeito. Esse processo pode exigir grande empenho e trabalho do aparelho psíquico a fim de efetuar as mudanças no Eu necessárias para a adaptação à nova realidade que se impõe (Laplanche e Pontalis, 2001).

Nesse sentido, vemos que, em face das perdas ligadas ao envelhecimento, dois caminhos se abrem. O primeiro seria o de enfrentar um trabalho de luto, que consiste em uma reelaboração tardia da experiência edípica e da posição depressiva. O segundo caminho seria o da negação, da recusa da realidade, do desinvestimento do aparelho perceptivo-consciente. Nessa situação de negação, o tempo presente pode parecer absurdo, incompreensível, e o sujeito pode refugiar-se em um passado idealizado, onde sua identidade se protege das perdas que o ameaçam no presente. O trabalho psíquico de integração da passagem do tempo implica renúncias narcísicas ligadas a desejos infantis de onipotência. A regressão, a recusa e o retorno narcísico acontecem, quando o sujeito não faz o trabalho de luto (Bianchi, 1987).

Para finalizar nossa tentativa de compreender os caminhos do luto no envelhecimento, reportamo-nos a Green (1993). O autor enfatiza que, no caso do luto, existe uma perda, uma falta aparente, a qual provoca uma mudança no psiquismo do sujeito. No caso da melancolia, há também uma falta; o que se perdeu, porém, é algo que se passa no inconsciente, longe da consciência, de um saber coerente. Nesse momento, o trabalho do negativo toma uma proporção tremendamente importante na psicanálise, pois, para lidar com a perda inconsciente do objeto na melancolia, o sujeito faz uma cisão, deixando parte de si no lugar do objeto perdido. Saímos do paradigma da neurose, em que o negativo se limita a um trabalho silencioso do qual não temos quase conhecimento algum (recalque). A partir do momento em que esse negativo atinge o Eu, sua presença torna-se visível. Apesar da presença constante de uma perda, uma dor, um negativo “positivo”, porque aparente, e seu trabalho ligado à destruição, outro trabalho interno do negativo (o silencioso relacionado à neurose) continua a mover o sujeito, que ignora tudo desse negativo escondido, que não sabe o que o faz sofrer, a despeito de seu sofrimento ser tão escancarado. A cisão, sendo um mecanismo de defesa do Eu e, dessa forma, com uma ação inconsciente, deixa o sujeito ignorante da maneira como ele se negativou para tomar o lugar do objeto perdido.

No paradigma da neurose, o trabalho do negativo esconde do sujeito seu desejo, contudo, seu Eu se mantém intacto. No paradigma dos estados-limite, no caso do fetichismo e da melancolia, e por que não das demências, quando é o mecanismo de defesa da clivagem que está em funcionamento, o sujeito não é ignorante apenas de seu desejo, mas também de que uma parte de seu Eu sacrificou-se para reparar uma perda que não pôde suportar. Esse mecanismo de defesa terá consequências, na sua má percepção da realidade, tanto interna como externa: “Dentro da noite escura, cegos e videntes não veem nada. Quando o dia chega, o vidente vê o mundo e o cego continua dentro da noite” (Green, 1993, p. 82).

Considerações finais

Podemos pensar que o negativo ou desligamento que acontece na melancolia retalia o Eu e suas funções objetualizantes, fazendo com que o sujeito entre numa espiral de aniquilar ou perder partes de si, devido à cisão. O trabalho da pulsão de morte é silencioso e potente e o

sujeito não pode passar imaculado pelas experiências de perda. Allouch (1997) aponta o caráter demasiadamente romântico da ideia de luto em Freud, já que, de certa forma, ao investir a representação do objeto perdido na esfera psíquica, num primeiro momento e num segundo momento, reinvestir a energia solta em um novo objeto, o Eu não seria marcado por essa perda, pois poderia “superá-la”. Ao observarmos os velhos ao nosso redor, vemos que os casos de pessoas que se sentem satisfeitas com o balanço que fazem de sua vida, mostram-se tranquilas com a proximidade da morte e investem energia em projetos do presente, são a minoria. Muitas pessoas sentem grande insatisfação nesse momento da vida, ligada à perda de funcionalidade do corpo, doenças e perda de autonomia. Também é possível ver que temas relacionados à perda – perda do trabalho, perda de uma casa, a morte dos pais, morte de irmãos, morte de amigos e até filhos e netos – aparecem constantemente no discurso de idosos, os quais procuram escuta para poder elaborar, ligar, transformar experiências que depois de décadas continuam a doer como feridas abertas.

Por conseguinte, seria possível pensar que, na clínica do envelhecimento, a separação entre um processo normal de luto e um processo patológico melancólico não teria muito sentido, porque deparamos com perdas de objetos essenciais para a constituição do sujeito, para a imagem que tem de si. Referimo-nos a objetos externos e internos investidos por muitos anos, por toda uma vida, como a perda de um cônjuge, de um trabalho, de uma atividade, de uma profissão que se exerceu durante quarenta anos. Nesse caso, o objeto não será substituído por outro com chance de troca afetiva e de trazer igual satisfação como trouxera, por exemplo, o trabalho perdido.

Dessa forma, na situação de aposentadoria, para dar outro exemplo, o investimento libidinal em um trabalho de quarenta anos não será reorientado para um novo trabalho: estamos diante de um vazio que não poderá ser preenchido por um objeto substitutivo. O sujeito pode encontrar novos projetos e representações para ligar a energia solta; a relação que o sujeito tinha com seu trabalho e com sua função, como trabalhador, a perda desse reconhecimento deixa, porém, marcas no Eu. A quantidade de lembranças e a maneira como elas são vitais para a identidade do sujeito, para a relação que estabelecem com a imagem de si, com seu Supra Eu, não podem ser facilmente desinvestidas. Um trabalho de quarenta anos pode até ser substituído por outro trabalho, mas não por outro trabalho de quarenta anos. De certa forma, um idoso não pode deixar de “ser”, de lembrar, de investir, não pode perder a representação de si como professor, por exemplo. Fazer o trabalho de luto completo, como teorizado por Freud, nessa situação, levaria a uma perda de traços identificatórios do Eu, uma perda de uma parte importante demais do Eu, para que este continue a funcionar, se realmente abrir mão de investir as representações internas do objeto que se perdeu na realidade. Esse processo, além de impossível, aparece como uma ameaça para a coesão e o funcionamento do Eu. Desse modo, na velhice, parece que a forma mais equilibrada de manter o funcionamento psicodinâmico não seria fazer uma transição e aceitar a perda real e a perda da representação do objeto, que deixaria de ter importância em prol de novas relações objetais. Um sujeito pode aceitar o processo de aposentadoria, aceitar a perda do objeto real, mas manter as lembranças em relação a esse trabalho investidas para poder se reconhecer e ser reconhecido por algo que não existe mais no tempo presente, de modo concreto, mas que precisa manter-se existindo no tempo presente, de forma simbólica, para garantir a continuidade narcísica do sujeito. Nessa lógica, esse tipo de perda parece acarretar uma perda do Eu ou no Eu e, assim, aproximar-se do quadro da melancolia como descrito por Freud, inclusive com os sintomas de autodepreciação. Esse tipo de reação patológica diante da perda poderia, portanto, estar mais ligado à magnitude da perda e menos à história narcísica do sujeito.

Assim, seria possível pensar que, na idade adulta, a energia estaria investida em relações com objetos externos, em trocas que alimentariam o narcisismo secundário, como em complexos processos psíquicos que permitem lutos, elaborações, grande possibilidade de

movimento de energia entre distintas representações, as quais vêm à consciência, ao serem mais investidas. A sensação de coesão do Eu viria tanto da imagem recebida pelas trocas com objetos externos quanto por essa reorganização constante de energia em representações que favoreceriam a ilusão de um Eu coeso, articulado com passado, presente e futuro, sujeito de uma história.

No envelhecimento, para poder manter essa sensação de sujeito de uma história organizada e de coesão de um Eu, com respeito à magnitude das perdas, as lembranças, as representações dos objetos perdidos precisariam ser demasiadamente investidas. Por isso, a importância do fenômeno da reminiscência, como apontado por Golbfarb (2004), de manter o passado vivo, de essas lembranças encontrarem sentido no presente e nas trocas com objetos externos, como filhos e netos, por exemplo.

Vemos, por conseguinte, que o tema do luto ocupa parte importante do campo dos estudos sobre envelhecimento e que um estudo mais aprofundado sobre o tema permite-nos vislumbrar novas pistas para a compreensão das psicopatologias no envelhecimento.

Referências

- Almeida, O. (1999) Sintomas psiquiátricos entre pacientes com demência atendidos em um serviço ambulatorial. *Arq Neuropsiquiatr*, v. 57, n. 4, p. 937-943.
- Allouch, J. (1997) *Érotique du deuil au temps de la mort sèche*. Paris: E.P.E.L.
- Berlink, L. (2008) *Melancolia: rastros de dor e de perda*. São Paulo: Humanitas.
- Berlink, M. (2008) *Psicopatologia Fundamental*. São Paulo: Escuta.
- Bianchi, H. (1987) *Le Moi et le temps – Psychanalyse du temps et du vieillissement*. Paris: Bordas.
- Clewell, T. (2004) Mourning Beyond Melancholia: Freud's Psychoanalysis of Loss. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, v. 52, Issue 1, p. 43-67.
- Freud, S. (1999) Totem e tabu. Em: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. v. II. (Original publicado em 1913)
- Freud, S. (2004). À guisa de introdução ao narcisismo. Em: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago v. I. (Original publicado em 1914)
- Freud, S. (2006) *Luto e Melancolia*. Em: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. v. II. (Original publicado em 1917)
- Freud, S. (2007) *O Eu e o Id*. Rio de Janeiro: Imago Em: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. v. III. (Original publicado em 1923)
- Godinho, C. (2012) *Incidência de demência e comprometimento cognitivo leve e identificação de preditores numa amostra-base populacional*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Medicina, UFRGS, Porto Alegre.
- Goldfarb, D. (2004) *Do tempo da memória ao esquecimento da história: um estudo psicanalítico das demências*. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Green, A. (2001) *Le travail du négatif*. Paris: Les Éditions de Minuit. (Original publicado em 1993)
- Laplanche, J. Pontalis, (2001) *J. Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Mãe, V. H. (2011) *A máquina de fazer espanhóis*. São Paulo: Cosac Naify.
- Mãe, V. H. (2016) *Homens imprudentemente poéticos*. São Paulo: Globo.
- Messy, J. (1992) *A pessoa idosa não existe*. São Paulo: Aleph.

- Michon, A.; Gargiulo, M. (2003) L'oubli dans la maladie d'Alzheimer: le vécu du patient. *Cliniques méditerranéennes*, v. 1, n. 67, p. 25-32.
- Muliyala K. ; Varghese, M. (2010) The complex relationship between depression and dementia. *Ann Indian Acad Neurol.* v. 13, suppl. 2, p. S69-S73.
- Ogden, T. (2002) A new reading of the origins of object-relations theory. *Int. J. Psychoanal*, v. 83, p. 767-782.
- Rozitchner, E. (2002) *La vejez no pensada*. Buenos Aires: Psicolibro Ediciones.
- Turrati, B. (2012) Implicações da viuvez na saúde: uma abordagem fenomenológica em Merleau-Ponty. *Saúde Transform. Soc. [online]*. v. 3, n. 1, p. 32-38.

Citação/Citation: Cherix, K. e Junior, N. (2018) Luto e melancolia nas demências: a psicanálise na clínica do envelhecimento. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano X, Ed. 2), p. 182-195.

Recebido em: 23/05/2017
Aprovado em: 01/09/2017